

HEIMLICH - UNHEIMLICH

Devemos a Freud Lacan ter-nos transmitido o real da experiência. O importante, além disso, é avaliar a forma com que ele foi transmitido, pois que a experiência da transferência se apóia, para nós, sobre os efeitos de seu encontro.

De minha parte, devo a Alain Didier-Weill ter me permitido, a partir de seu trabalho, certa abordagem na forma pela qual o real intervém na clínica da transferência. A partir do que vou lhes tentar propor, poderão reconhecer o embasamento de que me sirvo no modo pelo qual ele problematiza os dados freudianos e lacanianos sem esquecer a presença do real.

Quando Freud aborda, em 1919, o surgimento da angústia no seu artigo intitulado “*Das Unheimliche*”, transmite-nos, de fato, a alçada do real em face do que temos de mais íntimo, *heimlich*. Seu dizer vai além duma simples oposição *heimlich-unheimlich*, para que advenha um segredo, *heimlich*, criação porque não depende do que é *unheimlich*. Este é o horizonte deste trabalho.

Freud e a dialética binária: *heimlich - unheimlich*

Deste artigo, muito rico, retenho apenas o que é importante para essa perspectiva. Na verdade, há lugar para observar que Freud, como de hábito, raciocina a partir de um modo de pensar ao qual ele se atém porque é a partir dele que elaborou a noção de defesa na origem de seu encaminhamento na direção da descoberta do inconsciente. Como em 1892, com Lucy R. e, mais tarde, em 1894, em seu artigo intitulado “As psiconeuroses de defesa”, ele se baseia num espaço binário de desenvolvimento do pensamento articulado por uma fronteira que delimita um bom interior onde se conserva o que é aceitável e um mau exterior onde se rejeita, recalca, o que não o é.

Nessa perspectiva, Freud propõe o prefixo *un-* do termo alemão *un-heimlich* como a marca do recalque. Desta forma, haveria o familiar, modo de traduzir *heimlich*, que havia sido recalcado e que, assim, permaneceria oculto. Haveria um segredo ligado ao próprio recalque. O *Unheimlich* corresponde àquilo que foi recalcado e pode permanecer em segredo. O problema é que uma excitação externa pode reanimar esse oculto que constitui “os complexos infantis recalcados”: a aparição num grande dia do *unheimlich*, até então secreto, põe o ser falante, repentinamente, na situação de estar a descoberto dado que aquilo que lhe permitia até então tanto ocultar quanto estar oculto foi-lhe, de alguma forma, arrancado. Em que medida esse rapto do *unheimlich* que surge de um pensamento binário poderá levar a uma outra articulação a partir daquilo que Lacan transmite em sua leitura do texto freudiano?

Podemos encontrar na escrita de Freud os elementos que permitem ir nessa direção quando ele examina o retorno do homem da areia, figura maléfica do pai, e quando se pergunta qual a origem do *unheimlich*.

Freud, de fato, não deixa de observar que o homem da areia volta como o “desmancha-prazeres do amor”: o que se pode receber como um colocar em causa o narcisismo, isto é, com Lacan, colocar em causa a imagem especular que resulta da

nodulação do real, do Simbólico e do Imaginário. Seria, pois, possível avançar, ainda com Freud, que o retorno do homem da areia tem como efeito fragilizar, e até dissipar no brilho intenso essa nodulação por causa da aparição de qualquer coisa que recoloca em causa o que havia sido nodulado entre o Imaginário que traz a forma, o real que dá o corpo, porquanto ele é posto entre parênteses pelo som do Simbólico. Há, a cada retorno do homem da areia, aparição renovada de um real - mais forte que o simbólico - que dissipa a posição entre parênteses simbólica que fazia esquecer o peso do real do corpo: a nodulação especular se rompe e a angústia surge com a colocação em cena do *unheimlich*.

A segunda solicitação vem-nos de sua interrogação sobre o que está na origem do *unheimlich*. Com efeito, ao lado dos “complexos infantis recalçados”, ele descobre que as primitivas convicções/impressões superadas aparecem novamente para que um acusado de recepção seja a ele fornecido.

O que aí se dirá já que não é mais questão, como ele observa, permanecer nos limites legítimos do recalque (secundário) que marca os complexos infantis? O fato de haver originariamente encontro do real e do simbólico, que esse saber é inapreensível pelo recalque secundário.

Freud escreveu isso no ano seguinte para explicar a compulsão de repetição no capítulo V de “Além do princípio do prazer”: “os traços mnésicos recalçados de suas experiências vividas originárias não estão presentes nele (o paciente sob a compulsão à repetição) no estado associado e são de fato, em certa medida, inacessíveis ao processo secundário”. Com o ensino de Lacan, leitor de Freud, podemos reaproximar a presença do real que afeta o simbólico de certos significantes próprios a cada um. Quando aparecem, o que se encadeia metonimicamente não se sustenta mais: um saber inédito está em primeiro plano, “*unheimlich*” para Freud, “saber inconsciente” para Lacan, em 15/02/77, “o único que pode conduzir à mudança”. Há certamente algo posto em segredo, articulado ao surgimento da angústia, o inconsciente freudiano, que Lacan grandemente contribuiu para desdobrar, como além do recalque secundário.

Para avançar, desenvolvamos o campo do sonho, pois que nele podemos encontrar não só a representação como memória submetida ao recalque secundário como seu além, inverso, de onde repentinamente aparece o que há para vir.

Freud relata um sonho que lhe foi contado. Trata-se do sonho de um pai cujo filho acaba de morrer e que, cansado por causa dos cuidados que dedicou a esse filho antes de sua morte, foi repousar no quarto vizinho, deixando a porta entreaberta como se para não ficar afastado demais.

Após algumas horas de sono, escreve Freud, esse pai sonhou o seguinte: “a criança está perto de seu leito, segura seu braço, e murmura num tom cheio de censura: - Então, pai, não vês que estou em chamas?” O pai desperta e, percebendo uma luz viva proveniente da câmara mortuária onde se encontra o corpo de seu filho, precipita-se para lá: o senhor se acalma ao ver que a mortalha e um braço do pequeno cadáver haviam sido queimados por uma vela que caiu no chão. O que será esse despertar?

Partamos, com efeito, dessa pergunta, já que ela permite estabelecer a visão terrível desenvolvida pela representação e a novidade que constitui o surgimento de uma voz que faz ouvir e soar para-além.

O sonho do pai comporta um efeito desses dois elementos: a representação como texto dado pelas imagens do sonho, bem como seu inverso, porque o texto do sonho é

esburacado pelo surgimento de um umbigo, ponto em que param as associações, *unerkannt* que Lacan relaciona ao *urverdrängt*, o recalque originário.

Certamente, o que desperta pode ser o barulho do fogo que se espalha sobre a cama mortuária, a visão horrível da representação, causa de desprazer suficiente. Mas por que essa voz?

Freud propõe que o sonho é uma forma de esse pai prolongar a vida da criança. Assim, o sonho seria o guardião do sono em face da economia do princípio do prazer até que certa taxa de desprazer põe fim ao sono. Mas essa hipótese não se sustenta mais diante deste outro guia que está Além do princípio do prazer cuja chegada inesperada serve para despertar em razão do encontro com o real que marca o saber simbólico para dele fazer o saber inconsciente. Assim, que segredo está para ser descoberto e só pode ser ele porque tanto se revela quanto é da luz que ele advém?

Essa voz que vem de um “não se sabe donde” difuso e repercute naquele que sabe ouvi-la. Ela se diferencia da voz superegóica que aponta o dedo. Ela é testemunha de que há o visível que se ouve, que há o real em sofrimento que queima porque já está ligado ao simbólico: tal é o saber inconsciente. Mas se ela não cessa de ressoar é porque comemora o momento em que o real suporta o Significante, momento em que a significância da chama arrancou para sempre o *infans* da naturalidade.

Esse sonho não cessa de fazer ouvir o que há um além da representação e sua visão terrível do *unheimlich*, porquanto do furo dessa visão pode repentinamente surgir o som originário esquecido, significância originária para todo humano que não pode se ver, pois que está recoberto pelo visível especular.

Nesse invisível que é visível para um olhar que ouve, o bom entendedor pode se fiar...

Montbéliard, 11/11/01

Jean CHARMOILLE